



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA-CESPD
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITACÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

LAIANE DO NASCIMENTO FERREIRA

**A QUEBRA DO PRECONCEITO RACIAL NA OBRA ÚRSULA DA AUTORA
MARANHENSE MARIA FIRMINA DOS REIS**

**Presidente Dutra - MA
2020**

LAIANE DO NASCIMENTO FERREIRA

**A QUEBRA DO PRECONCEITO RACIAL NA OBRA *ÚRSULA* DA AUTORA
MARANHENSE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão do Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Odete da Silva Lima

**Presidente Dutra – MA
2020**

Ferreira, Laiane do Nascimento.

A quebra do preconceito racial na obra Úrsula da autora maranhense
Maria Firmina dos Reis / Laiane do Nascimento Ferreira. – São Luís, 2020.

40 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do
Maranhão, 2020.

Orientadora: Profa. Esp. Maria Odete da Silva Lima

1.Preconceito racial. 2.Escravidão. 3.Úrsula. 4.Maria Firmina dos Reis.
5.Literatura brasileira e maranhense I. Título

CDU: 821.134.3(812.1).09

LAIANE DO NASCIMENTO FERREIRA

A QUEBRA DO PRECONCEITO RACIAL NA OBRA **ÚRSULA** DA AUTORA
MARANHENSE MARIA FIRMINA DOS REIS

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão do Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Aprovada em: 13 de Novembro de 2020

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Esp. Maria Odete da Silva Lima - UEMA
Presidente

Profa. Esp. Widêglan Marques de Sousa Bezerra – UEMA
Examinador (a)

Prof. Ms. Jonh Jefferson do Nascimento Alves - UEMA
Examinador (a)

Dedico esta monografia a minha família,
em especial aos meus pais que sempre
estiveram ao meu lado me apoiando e
nunca mediram esforços para me ajudar.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato sublime e essencial. E são inúmeros agradecimentos a serem feitos.

Primeiramente, sou grata de todo o meu coração ao Deus da vida, autor de todas as coisas. Em sua infinita bondade ajudou-me a vencer os desafios pelos quais deparei-me nesse percurso.

Ao meu pai Sebastião e à minha mãe Terezinha pelas orações ao meu favor, pelo apoio, conselhos maravilhosos e confiança. Agradeço por todas às vezes, com seu carinho, seu amor, recarreguei minhas forças para continuar lutando e alcançar meu objetivo.

Às minhas irmãs, que também foram essenciais nessa minha trajetória, pelas orações, companheirismo e incentivo. Vocês são muito importantes na minha vida.

Quero em poucas palavras agradecer e demonstrar o quanto sou grata à irmã Francilene e o irmão Antônio Lima pelo apoio e acolhimento em sua casa, jamais vou esquecer do afeto que recebi durante os três anos que convivi com essa família, vivência essa que foi de suma importância para minha formação.

À Universidade Estadual do Maranhão, Campus Presidente Dutra, onde encontrei um ambiente acolhedor e que me fez crescer intelectualmente. Sou imensamente grata a todos os professores pela contribuição de cada um na minha formação. Destaco aqui minha orientadora Maria Odete da Silva Lima, por toda atenção, explicações, correções, críticas e contribuições que foram apresentadas por ela, sem as quais este trabalho não poderia ser realizado.

Nestes agradecimentos não poderia deixar de externar a minha gratidão à minha turma, pois cada um com sua história de vida trouxeram-me muitos ensinamentos e ânimo para não desistir do meu propósito, e mesmo diante das divergências e semelhanças sempre souberam fazer da nossa turma uma família. Em especial agradeço a Betânia pelas inúmeras acolhidas em sua casa, pela parceria nos estudos e companheirismo em toda esta jornada.

HINO À LIBERDADE DOS ESCRAVOS

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje.
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se em fim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

(fragmento: composto por ocasião do 13 de maio)
(REIS, Apud. MORAIS FILHO, 1975, s. p.)

RESUMO

Maria Firmina dos Reis, mulher negra, escritora e professora maranhense, deixou diversas contribuições como cidadã e intelectual, seu romance *Úrsula* de 1959, é considerado precursor da temática abolicionista da literatura brasileira e o primeiro a ser escrito por uma mulher no Brasil. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objeto de estudo a quebra do preconceito racial na obra *Úrsula* da autora maranhense Maria Firmina dos Reis. Diante disso, o objetivo dessa pesquisa é analisar a obra *Úrsula*, na abordagem da quebra do preconceito racial circunscrito nos personagens (Túlio) jovem escravo e, (Tancredo) jovem abastado e bacharel, branco burguês, e, por conseguinte, mostrar segundo a escritora maranhense, em sua obra, a humanidade e generosidade do negro escravo. Com o intuito de analisar, fez-se uma contextualização da obra e de sua autora. Desta forma, para fundamentar esse estudo buscou-se material já elaborado, conceitos e teóricos voltados para essa linha de pesquisa. Em *Úrsula*, a escritora como que intenciona mostrar um novo olhar quanto a problemática da escravidão em São Luís, capital da província do Maranhão na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Preconceito racial. Escravidão. *Úrsula*. Maria Firmina dos Reis. Literatura brasileira e maranhense.

ABSTRACT

Maria Firmina dos Reis, a black woman, writer and teacher from Maranhão, left several contributions as a citizen and intellectual, her novel *Úrsula* of 1959, is considered a precursor of the abolitionist theme of Brazilian literature and the first to be written by a woman in Brazil. In this context, the present work has as its object of study the breaking of racial prejudice in the work *Úrsula* by the author from Maranhão Maria Firmina dos Reis. Therefore, the objective of this research is to analyze the work *Úrsula*, in the approach of breaking the racial prejudice circumscribed in the characters (Túlio) young slave and, (Tancredo) wealthy and bachelor, white bourgeois, and, therefore, show according to the writer in Maranhão, in his work, the humanity and generosity of the black slave. In order to analyze, the work and its author were contextualized. Thus, to support this study, we sought material already elaborated, concepts and theorists focused on this line of research. In *Úrsula*, the writer intends to show a new perspective on the problem of slavery in São Luís, capital of the province of Maranhão in the second half of the 19th century.

Keywords: Racial prejudice. Slavery. Ursula. Maria Firmina dos Reis. Brazilian and Maranhão literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTO HISTÓRICO: LITERATURA BRASILEIRA E MARANHENSE DO SECULO XIX.....	13
3 ROMANTISMO: GERAÇÕES ROMÂNTICAS NO BRASIL	16
3.1 Primeira geração: o nacionalismo e o indianismo (nativismo)	17
3.2 Segunda geração: o ultrarromantismo ou byronismo	18
3.3 Terceira geração: poesia condoreira (condoreirismo)	20
4 ÚRSULA: LITERATURA EM TERRAS MARANHENSES	25
4.1 Maria Firmina dos Reis: voz negra e abolicionista	25
4.2 Úrsula: primeiro romance antiescravista no Maranhão no período oitocentista ..	29
4.3 Escravidão: o personagem negro escravo apresentado pela primeira vez na literatura como ser dignificado e humanizado	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O século XIX, foi um período caracterizado e celebrado por diversos acontecimentos históricos e políticos que marcaram a história do Brasil. Assim, o primeiro fato importante ocorreu em 1822, com a independência, posteriormente a abolição e a república e, não menos importante o romantismo que veio pouco depois da emancipação política, dando também sua contribuição para a autonomia cultural do país. Toda essa efervescência política, ideológica e cultural afirmou a nacionalidade brasileira. Nesse contexto, com a emancipação política e literária alcançada com a independência e o romantismo, é possível afirmar que o Brasil já possui sua singularidade em relação a Portugal. Agora o país possui uma literatura genuinamente brasileira.

Desse modo, a partir do advento da estética romântica os intelectuais tiveram liberdade para criar e escrever baseado na realidade do país e, por conseguinte, nos traços identitários do mesmo, na verdade, essa autonomia se estendeu por todo o Brasil, alcançando assim, o estado do Maranhão. Dessa forma, foi a partir do romantismo que o estado começou sua efetiva participação na literatura, pois na província do Maranhão o movimento teve grande fecundidade, no qual incentivou e inspirou muitos autores maranhenses a apresentar produções literárias baseadas nas suas próprias vivências e aspirações. Assim sendo, a importância e a ação conjunta de certas figuras intelectuais conhecidas no contexto da Literatura Brasileira, deram uma contribuição significativa para a evolução e fortalecimento da Literatura Maranhense.

Desta maneira, explorar a Literatura Maranhense é o objetivo aqui pretendido, dando ênfase ao romance maranhense do século XIX, pouco explorado e, ainda precariamente conhecido em nossos dias. Corrêa (2015) esclarece que o romance maranhense ainda é visto com pouca simpatia pelo próprio maranhense, pois não valorizam seus artistas locais com suas excelentes produções literárias, mas ficam hipnotizados por qualquer nome estrangeiro. Assim, será mostrado através desta pesquisa que o Maranhão é uma seara rica em produção literária, onde predominam grandes prosadores. E, dentre esses grandes intelectuais está a autora Maria Firmina dos Reis com sua obra “Úrsula”, na qual foi a escolhida para ser recordada e enaltecida nesse trabalho, e assim, contribuir para que a romancista e sua obra venha

a ser mais valorizada e visível ao público em geral, principalmente nos meios educacionais (escolas e universidades).

Nesse sentido, este estudo apresenta como objeto de investigação a quebra do preconceito racial na obra *Úrsula* da autora maranhense Maria Firmina dos Reis. A escolha dessa obra justifica-se primeiramente pelo seu pioneirismo no que concerne à questão da escravidão, por seu peso histórico e valor literário, por ser uma obra maranhense e, não menos importante pela necessidade de mostrar a relevância que o romance obteve no período oitocentos, no qual inaugura um novo olhar quanto a problemática da escravidão concernente a representação e humanização dos personagens escravizados.

Diante disso, a referida pesquisa visa analisar a obra *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis (1825 - 1917), escritora natural do Estado do Maranhão, na abordagem da quebra do preconceito racial e, por conseguinte, mostrar um novo olhar quanto a problemática da escravidão no que tange aos paradigmas vigentes no século XIX. Considerado como o primeiro romance de temática abolicionista da literatura brasileira e maranhense apresenta denuncia social com relação ao sistema escravista e, não menos importante retrata sobre relações raciais entre o branco e o negro, no qual a romancista desconstrói esse preconceito.

Nessa perspectiva, considerando o contexto em que a obra está inserida, meados do século XIX, fica evidente a ousadia da autora ao escrever o romance *Úrsula* com temática abolicionista, época em que a escravidão estava bem presente em meio a sociedade oitocentista, principalmente no Maranhão, e, especialmente em São Luís, onde a mesma perdurou e vingou por muitos anos.

Para realização desse estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica. Assim, fez-se necessário buscar e analisar livros de autores renomados, como: Maria Firmina dos Reis (2017), Dinacy Mendonça Corrêa (2015), Josiane Maria Santos Silva e Silvana Maria Pantoja (2016), Elizabeth Sousa Abrantes e Reinaldo dos Santos Barroso Junior (2016), e Alfredo Bosi (2006). Autores estes que retratam sobre a escravidão no Brasil, especialmente no Maranhão, preconceito racial, a trajetória intelectual da escritora Maria Firmina dos Reis, e que abordam sobre a literatura brasileira e maranhense. E, não menos importante artigos e dissertações de nomeados teóricos voltados para essa linha de pesquisa.

Assim, com o intuito de melhor compreender está emblemática obra, pioneira na crítica antiescravista da nossa literatura, esta pesquisa partiu da seguinte pergunta

norteadora: - Qual a importância em conhecer a obra *Úrsula* na abordagem de um tema abolicionista no viés da quebra do preconceito racial? Para responder essa pergunta, este trabalho monográfico foi estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo será abordado o contexto histórico da literatura brasileira e maranhense, enfatizando assim, o processo de formação, afirmação e autonomia de ambas as literaturas. Assim sendo, o objetivo primordial dessa contextualização é mostrar que a autora Maria Firmina Dos Reis representou com maestria a literatura brasileira e, foi considerada a iniciadora do romance maranhense ao lado de Aluísio Azevedo. No segundo capítulo, um breve panorama histórico-social e literário do romantismo, sendo este dividido em três subtópicos, onde será explicitado sobre as três gerações românicas no Brasil, com o intuito de destacar que a obra em estudo apresenta fortes características dessa escola literária.

O terceiro e último capítulo, é centrado principalmente na obra *Úrsula*, sendo também dividido em três subtópicos. No primeiro, será discorrido sobre a biografia da autora Maria Firmina dos Reis, o contexto social e literário em que está inserida e, as contribuições que a escritora deixou como cidadã e intelectual. No segundo subtópico, faz-se uma análise mais profunda na obra supracitada, na abordagem da quebra do preconceito racial existente na época, século XIX. Nessa perspectiva, buscou-se referências que apontam o pioneirismo do romance na literatura ao se posicionar contrário à escravidão e, consequentemente contra o racismo. Por fim, no terceiro, discutir-se a acerca da escravidão em um contexto em que o personagem negro escravo é apresentado pela primeira vez na literatura como um ser profundamente significado e humanizado.

Por último, apresenta-se a conclusão e as referências, a primeira contendo os resultados e expectativas dessa pesquisa e a segunda a base teórica que é essencial para a construção e fundamentação desse estudo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO: LITERATURA BRASILEIRA E MARANHENSE DO SÉCULO XIX

Segundo Alfredo Bosi (2006), a Literatura Brasileira, no princípio, passou por uma fase denominada de Literatura informativa e Literatura de Catequese, surgindo a partir de informações que cronistas e viajantes missionários europeus relataram sobre a natureza e o homem brasileiro. Enquanto informação, esses primeiros escritos não recebem a nomeação de literário, mas à crônica histórica. Assim, dos textos de origem portuguesa merecem destaque o primeiro documento produzido no Brasil, a Carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei de Portugal mencionando o descobrimento de uma nova terra, da natureza e do índio.

Desta forma, as obras literárias produzidas no período Brasil-Colônia escritos por portugueses eram de caráter informativo. A literatura no Brasil fortemente influenciada pela cultura e pelo modelo literário de Portugal formou-se a partir da literatura portuguesa. Como afirma José Veríssimo (1915, p. 06), “Necessariamente nasceu e desenvolveu-se a literatura no Brasil como rebento da portuguesa e seu reflexo. Nenhuma outra apreciável influência espiritual experimentou no período da sua formação, que é o colonial”. Neste contexto, a afirmação de Veríssimo esclarece que a literatura brasileira é inerente à literatura portuguesa.

No entanto, a partir do Romantismo no Brasil com a proclamação de sua independência, ocorrida em 1822, o país passou a viver um período de grande entusiasmo, de emancipação política, ideológica e cultural. Estava, pois, destinado a crescer. Dessa maneira, a literatura emancipou-se, isto é, alcançou sua liberdade, criando suas próprias manifestações literárias. José Veríssimo corrobora afirmando que:

A literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo. É exatamente essa persistência no tempo no espaço de tal sentimento,

manifestado literariamente, que dá nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia. (VERISSIMO1915, p. 06)

Nota-se nesse fragmento, a total emancipação que a literatura brasileira conquistou a partir da independência do país e do Romantismo com um modelo de literatura verdadeiramente do Brasil, apesentando caráter nacional e, por fim, libertando-se completamente da imitação europeia. Segundo Antônio Cândido (1999, p. 36):

Basta dizer que com a Independência desenvolveu-se cada vez mais a consciência de que a literatura brasileira era ou devia ser diferente da portuguesa, pois o critério da nacionalidade ganhou no mundo contemporâneo uma importância que superou as considerações estéticas.

Com isso, cresce o sentimento de nacionalidade, o reconhecimento da terra enquanto pátria e do povo brasileiro, dando início a Era Nacional da literatura com os primeiros escritores brasileiros engajados com as causas políticas e sociais em nível local e âmbito nacional.

Como nos primórdios da Literatura Brasileira, o Maranhão também foi fortemente marcado pelos valores literários da chamada Literatura de informação e de Catequese ou jesuítica a partir do século XVII. O Estado foi considerado um dos bons centros da cultura jesuítica, pois o padre Antônio Vieira pregando sermões e escrevendo cartas viveu no Maranhão muitos anos de sua vida.

Contudo, somente a partir do século XIX, o Maranhão iniciou sua efetiva participação na literatura brasileira, e isso se deve a um grupo de intelectuais que deram suas contribuições para ascensão e autonomia da Literatura Maranhense. Dessa forma, desde o século XIX o Maranhão tem se destacado como terra pródiga em valores literários, ficando nacionalmente conhecido por conta do então famoso Grupo Maranhense. Para Dinacy Corrêa (2015, p. 20), “Convenhamos: o Maranhão é berço de grandes representantes da intelectualidade brasileira, dignos de serem eternizados na nossa memória (jamais esquecidos)”. Neste contexto, Corrêa (*op. Cit.*) ainda indaga:

É ou não é, mesmo, para nos sentirmos honrados, orgulhosos de ser maranhenses? Conterrâneos de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, João Lisboa, Antônio Henrique Leal, Benedito Leite, Gonçalves Dias, Sousândrade, Maria Firmina Dos Reis, Arthur e Aluísio Azevedo,

Raimundo Corrêa, Teófilo Dias, Maranhão Sobrinho, Adelino Fontoura, Coelho Neto, Humberto de Campos, Graça Aranha [...] (CORRÊA, 2015, p. 20).

Dessa forma, é notório que o Maranhão é uma terra de muitos intelectuais; romancistas, historiadores, poetas e cronistas que abordam os mais variados temas da cultura local, no que tange à literatura maranhense. E, entre esses grandes intelectuais está Maria Firmina dos Reis, considerada por muitos críticos a primeira romancista brasileira e, iniciadora do romance maranhense ao lado de Aluísio Azevedo.

Neste cenário glorioso de representatividade e intelectualidade, o Maranhão ficou nacionalmente conhecido como “*Atenas Brasileira*”, tendo destaque as personalidades de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e João Francisco Lisboa, como Resende enfatiza:

Não houve como negar que, de algum modo, os letrados da Província na primeira metade do século XIX no Maranhão, a exemplo de Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes e Sotero dos Reis, não tenham cumprido o seu papel de elite intelectual, ou seja, como indivíduos a quem foi atribuída à tarefa de elaborar uma determinada visão de mundo, de transmitir um ideário de conhecimentos que acabaram por se consolidar como um sistema explicativo de determinada época. Em outras palavras, foi a ação específica de personalidades como as do chamado Grupo Maranhense que possibilitou a elaboração, a posteriori, da simbologia da “*Atenas Brasileira*”. (RESENDE, 2007, p. 77).

Nota-se que a formação e ação conjunta desse Grupo Maranhense foi de suma importância para o desenvolvimento cultural e, consequentemente para a produção da literatura local, publicando suas obras literárias onde predominam os mais variados assuntos do território brasileiro e, principalmente, do Maranhão. E assim, deixando para o acervo maranhense obras magníficas.

Entende-se dessa forma, que a literatura se reveste de grande importância porque é a expressão do ser humano e da vida, retratando épocas, costumes e ideias, é essência de um saber que representantes da história transmitem com sabedoria e sensibilidade.

3 ROMANTISMO: GERAÇÕES ROMÂNTICAS NO BRASIL

As origens do Romantismo estão ligadas ao declínio da nobreza e à ascensão da burguesia europeia, no final do século XVIII. Como eram múltiplas as atitudes possíveis diante das alterações na ordem social neste contexto, a literatura se desenvolveu em várias vertentes, pois, diante dos novos governantes, de um novo público leitor e do surgimento da imprensa burguesa, surgiu um movimento literário com novos valores: o Romantismo.

Neste sentido, manifestavam-se claramente os sinais do novo movimento em alguns países europeus, mas coube à França o papel de difundi-lo a outros países. Na Alemanha, a publicação de “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (1774), de Goethhe, marcou o início da fase romântica, predominando o sentimentalismo e o idealismo sobre o racionalismo que estava na base do Arcadismo. Na Inglaterra, Walter Scott voltou ao passado medieval, com *Ivanhoé* (1819) início do século XIX, abrindo uma rica vertente de nacionalismo via romance histórico. E o sentimentalismo exagerado teve ainda nas poesias de Lord Byron, na Inglaterra, Musset e Victor Hugo, na França. Conforme José Veríssimo:

Iniciou-se na Alemanha pelos últimos vinte e cinco anos do século XVIII. Reinava então em Portugal o pseudo-classicismo da Arcádia. No Brasil cantavam os poetas mineiros, alguns deles românticos por antecipação, mas em suma era o mesmo arcadismo o tom dominante nas letras. Da Alemanha irradiou por Inglaterra e França. Nestes países as suas primeiras manifestações consideráveis são já do princípio do século XIX. Só quase vinte e cinco anos mais tarde começaria a sua influência se fazer sentir em Portugal, onde as suas ainda indecisas manifestações datam exatamente do princípio do segundo quartel do século. Com a sua terceira década o entra no Brasil. Não foi, entretanto, de Portugal que o recebemos, senão de França, que ia ser e permanecer a principal fornecedora de idéias (sic), de sentimentos e até de estilos à nossa literatura. (VERÍSSIMO, 1915, p. 80).

Dessa forma, é notório que a França foi a principal fornecedora e responsável em expandir o Romantismo. Em Portugal, o iniciador do movimento foi Almeida Garrett, que estando na Inglaterra e na França entrou em contato com a nova corrente literária, publicando em 1825 um longo poema intitulado “*Camões*”. E, por fim, no Brasil em 1836, com Gonçalves de Magalhães que, também estando em Paris publica o livro de poemas “*Suspiros Poéticos e Saudades*”. No mesmo ano, lança a revista

Niterói e *Revista Brasiliense*, com ideias românticas de Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem, ambas as revistas contribuíram de modo bastante significativo para a consolidação do movimento. Sendo assim, não há dúvidas que o Romantismo é um vasto movimento nacional e internacional do século XVIII e XIX, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período, onde contribuíram para o desenvolvimento cultural das letras, publicando suas obras literárias.

Dado o contexto histórico-social e literário do Romantismo para um melhor entendimento de como e onde surgiu e os países que aderiram ao movimento; com uma ênfase maior será enfatizado o desenvolvimento dessa escola literária no Brasil, ou seja, a produção literária dos autores brasileiros, porquanto, o Romantismo com o “[...] esforço de ser diferente, afirmar a peculiaridade, criar uma expressão nova e se possível única [...]” (CANDIDO, 1999, p. 38), teve uma importância extraordinária, pois foi ele que possibilitou ao país a sua independência literária. Dessa forma, a estética romântica no país é dividida em três gerações, cada uma com seus escritores e características específicas, que estudaremos com mais afinco a seguir.

3.1 Primeira geração: o nacionalismo e o indianismo (nativismo)

Essa primeira geração do Romantismo foi fortemente marcada pelo nacionalismo – indianismo, pós-independência do país, caracterizou-se pela busca de definição de uma identidade nacional própria. Nesta fase os escritores são conhecidos como nativistas, pois valorizavam o índio como o único herói brasileiro vivendo livremente na natureza, narram a pátria, flora e fauna.

Assim, os poetas que se destacaram foram Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), considerado o fundador do Romantismo no Brasil com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* em 1836. Sua poesia ocupou-se da pátria, da religião e da natureza. Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), primeiro grande poeta tipicamente brasileiro, sobressaiu-se na poesia lírico-amorosa, assim como na indianista e nacionalista; foi considerado um panteísta, relacionando constantemente Deus à natureza. E, não menos importante José de Alencar (1829-1877), escritor multifacetado e dono de uma vasta obra, escrevendo romances

(indianista, urbano, regionalista e histórico), obras estas que, em sua maioria, eram marcadas por forte sentimento nacionalista.

Neste contexto, o nacionalismo, o indianismo, a valorização da natureza brasileira são as principais características desta primeira geração, como elucida Luiz Nascimento (2010, p. 45), “[...] Gonçalves de Magalhães fez um balanço da literatura brasileira e definiu como temas românticos nacionais a paisagem, a religião e o indígena”. Em outras palavras, essa geração é extremamente patriótica e religiosa. Observe o que diz José Veríssimo

Além de patriótica, ostensivamente patriótica, a primeira geração romântica é religiosa e moralizante. Estas feições fazem que seja triste, como aliás será a segunda. Somente a tristeza desta é a do ceticismo, do desalento e fastio da vida, segundo Byron, Musset, Espronceda e quejandos mestres seus. A melancolia de Magalhães e seus parceiros é a tristeza de que penetrou a alma humana o sombrio catolicismo medieval. (VERÍSSIMO, 1915, p.90)

É inegável que o patriotismo e a religiosidade predominam nesta primeira geração. E alguns destes sentimentos aparecerão na segunda, como afirma José Veríssimo na citação acima, dessa maneira, a melancolia, a tristeza, o tédio estarão bem presente na vida desses poetas, porém, com um extremo subjetivismo.

3.2 Segunda geração: o ultrarromantismo ou byronismo

Esta segunda geração denominada ultrarromântica ou byroniana foi fortemente influenciada por autores europeus, nela encontramos de maneira mais expressiva as influências de Lord Byron e Alfred de Musset. Com isso, os poetas desta geração são chamados de Byronianos, graças à influência de Byron, poeta inglês que cultuou a temática do amor e da morte. Nesta perspectiva, no que tange a temática da morte, esses poetas encantaram-se mais ainda com a literatura ultrarromântica a partir do momento que tiveram contato com as obras do escritor Goethe, principalmente o livro, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*.

Destarte, os poetas desta segunda geração vêm carregados de um intenso sentimentalismo, egocentrismo e pessimismo desesperado. Suas obras revelam

acentuado individualismo e subjetivismo, é a poesia da dúvida, da desilusão, do negativismo diante da vida (mal do século). A respeito disso, Antônio Cândido esclarece:

O modo sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico, é um tom geral nesse tempo entre os poetas jovens (muitos dos quais mortos na quadra dos vinte anos), e isso os tornou populares numa sociedade sequiosa de emoções fáceis. (CANDIDO, 1999, p.44)

Desse modo, é notório que os poetas desta segunda geração expressavam grande pessimismo, melancolia e medo, com isso, suas poesias ficaram marcadas pelo ‘mal do século’. Assim, o sentimento do mal do século foi amplamente cultivado pelos intelectuais; Manoel Antônio Alvares de Azevedo (1831-1852), Casimiro José Marques de Abreu (1839 -1860), Luís José Junqueira Freire (1832-1855), e Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875).

Neste contexto, a fuga da realidade foi uma atitude escapista muito presente nos discursos das personagens e dos sujeitos líricos, e, vários foram os recursos escapistas dos quais se valeram os escritores desta geração. Em outras palavras, essa fuga acontecia de diversas formas; através do sonho e da imaginação, fuga na loucura, no espaço, no tempo e na morte. Neste sentido, são temas recorrentes nas suas obras, a exaltação da morte, a idealização da infância e a representação das mulheres virgens sonhadas.

Alvares de Azevedo (1831-1852) é considerado o mais digno herdeiro do poeta Lord Byron e o maior expoente do ultrarromantismo brasileiro. Azevedo impregnou suas poesias com ares sarcásticos e irônicos, oscilando entre uma vertente sentimental e mórbida, revelando pessimismo, angustia e desejo pela morte. Sobre o poeta, José Veríssimo faz a seguinte observação:

Com os poetas da segunda geração romântica, nomeadamente com Álvares de Azevedo, entra um novo motivo na poesia brasileira, a morte. Cantores da terra, das damas, de magnates, de temas abstratos, da natureza, de indivíduos, do amor, da pátria, de sentimentos personificados e até do sofrimento e da dor, nenhum cantara entretanto a morte, ou a morte, a despeito de ser um dos grandes temas líricos, não fora para nenhum, estímulo de inspiração. Estes poetas são todos tristes. A todos eles contagiam a melancolia de Gonçalves Dias, o primeiro dos nossos poetas com quem andou a idéia(sic) da morte. (VERISSIMO, 1915, p. 140)

Percebe-se que a temática da morte, sentimentos de dor, tristezas e melancolia são bastante cultuados pelo poeta Alvares de Azevedo. No livro *Lira dos Vinte Anos* (1853) encontra-se reunido o melhor de sua obra poética, sendo dividida de acordo com edições atuais em três partes, trazendo assim, uma poesia intimista e bastante sentimental. Por conseguinte, considerado o mais representativo livro de poemas do chamado ‘mal do século’ e a obra mais conhecida e apreciada pela crítica. Dessa maneira, na obra de Alvares de Azevedo, destaca-se, ainda, a prosa, representada pelo livro de contos *Noite na Taverna* (1855), uma vez que, ficou conhecido como “o prosador noturno, o inventor dos pesadelos”.

Esta segunda geração foi bem representada pelos autores Alvares de Azevedo com a obra *Lira dos Vinte Anos* (1853); Casimiro de Abreu – *As Primaveras* (1859), o poeta da saudade, do amor e do medo. Em suas poesias cultivou a melancolia, o saudosismo, a morte, brevidade da vida, a solidão e a idealização do amor e da mulher amada. Junqueira Freire – *Inspirações do Claustro* (1855) e Fagundes Varela – *Noturnas* (1861), ambos últimos autores, sofreram influências dos poetas que os precederam, como Álvares de Azevedo, e Casimiro de Abreu, fazendo uso dos mesmos sentimentos e características nas suas obras.

Fagundes Varela também sofreu influências de Gonçalves Dias abordando temas sobre a pátria, a natureza, o amor e temática religiosa. Debruçando-se também sobre temas sociais e políticos, influenciado por Castro Alves, o maior dos condoreiros, pois sua linguagem rebuscada já lembrava o estilo dos poetas condoreiros que será apresentado a seguir.

3.3 Terceira geração: poesia condoreira (condoreirismo)

Percebe-se reflexos desta terceira geração já na anterior no que tange ao estilo pomposo, linguagem grandiloquente e, principalmente a abordagem de temas sociais apresentado pelo poeta Fagundes Varela, que a priori já demonstrava interesse com as causas sociais, apresentando-as nos versos. Mas foi com os poetas desta geração que essa problemática social ganhou uma melhor abordagem e maior vivacidade.

Deste modo, esta terceira geração foi chamada de ‘condoreira’, ou ‘condoreirismo’ cujos nomes provém do condor, pássaro que voa a grande altitude, e por voar muito alto é símbolo de liberdade, assim, para os poetas representava os ideais libertários, também chamada de poesia social e hugoana em virtude da notável influência de Victor Hugo, escritor romântico francês, também preocupado com as causas sociais.

Assim, os poetas condoreiros que mais se destacaram foram Antônio Frederico de Castro Alves e Joaquim de Sousa Andrade. Castro Alves (1847-1871) considerado grande defensor da causa abolicionista e republicana fazia da poesia um instrumento de denúncia às injustiças e reforma social, na vertente da poesia lírica cultivou temas de caráter nacional, amor, natureza e morte. Por sua vez, Joaquim de Sousa Andrade, mais conhecido como Sousândrade (1833-1902), figura também muito de forma muito relevante nesse período, contudo, é inegável que Castro Alves foi quem melhor representou essa geração, sendo considerado o maior dos condoreiros, poeta exaltado por ser um grande defensor das causas sociais como: as lutas humanitárias, sentimentos liberais e, principalmente os ideais do abolicionismo. Na visão de José Veríssimo (1915, p. 159):

Com Castro Alves pode dizer-se que se alarga a nossa inspiração poética, objetiva-se o nosso estro e os poetas entram a perceber que o mundo visível existe. Poeta nacional, se não mais nacionalista, poeta social, humano e humanitário, o seu rico estro livrou-o de perder-se num objetivismo que, não temperado de lirismo, é a mesma negação da poesia. As causas sociais e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta, às vezes com prevalência da eloquência(sic) sobre o sentimento, mas sempre com sentida emoção de poeta. A sua influência foi enorme, senão sempre estimável.

É notório que a terceira geração teve uma maior preocupação com as questões políticas e sociais, pois os poetas perceberam que o mundo visível existe com suas mazelas a serem denunciadas, discutidas e resolvidas. E um desses poetas a perceber e entender tais problemáticas foi Castro Alves, o maior expoente dessa geração que diferentemente dos seus predecessores engajou-se com mais afinco na poesia de cunho social, dando maior ênfase à temática abolicionista. Sendo assim, o escritor desejava através dos versos revelar o sofrimento e a extrema desigualdade racial a fim de influenciar e comover a população branca a se colocarem contrária à

escravidão, e assim, promover uma mudança social em meio a sociedade da época, (século XIX).

Castro Alves mostrou com clareza através dos versos a problemática da escravidão, isto é, tráfico de escravos, sofrimento, desumanização e desigualdade. Os poemas “*A Canção do Africano*” de 1863 “*O Navio Negreiro*” e “*Vozes d’ África*” ambos de 1868 abordam em seus versos a crueldade da escravidão, o segundo é considerado um de seus poemas mais célebres, narra a trajetória sofrida do povo africano trazido cativo da África para o Brasil vítimas do sistema escravista. O primeiro revela os dramas dos escravos nos cantos tristes das senzalas e o terceiro poema reina um extremo sofrimento e suplica da África, pois o próprio continente roga a Deus justiça divina para com seus filhos que sofreram martírios causados pela escravidão. Como afirma Campos (2014, p. 42):

Em 1868, por meio de dois poemas especiais, “*O Navio Negreiro*” e “*Vozes d’ África*”, Castro Alves buscou a gênese do sofrimento escravo provocado pelo exílio. Enquanto o primeiro poema aborda a traumática e desumana viagem dos cativos nos navios negreiros, o segundo caracteriza-se como um lamento, no qual a África se torna um ser, uma mãe que questiona Deus pelo sofrimento de seus filhos.

Portanto, Castro Alves, poeta condoreiro, o qual pertenceu à terceira geração romântica dos líricos brasileiros está inserido em um contexto histórico-social em que a escravidão está a todo vapor. Com isso, o poeta tem consciência dos problemas humanos existentes e, busca por meio da poesia sensibilizar e despertar consciências acerca da crueldade associada à escravidão, denunciar e reivindicar a abolição. Assim, a sua vocação e dedicação às causas sociais, e, principalmente à massa escrava oprimida, ficou conhecido como o “poeta dos escravos”. Conforme Alfredo Bosi (2006, p. 120), “[...] A palavra do poeta baiano seria, no contexto em que se inseriu, uma palavra aberta. Aberta à realidade maciça de uma nação que sobrevive à custa de sangue escravizado: é o sentido último do “**Navio Negreiro** [...]”. Portanto, percebe-se um sentimento de revolta e denúncia contra à escravidão.

O poeta não cantou somente as causas sociais, sua poesia apresenta faces distintas, isto é, poesia social e abolicionista e poesia lírico-amorosa. Na segunda cultivou temas de amor, natureza e morte. O livro “*Espumas Flutuantes*” (1870) reúne poemas inspirados nos temas amor e morte, única obra publicada em vida pelo escritor, como esclarece José Veríssimo, (1915, p. 157), “[...] No fim de 1869, dali

recolheu enfermo à terra natal, onde pouco depois faleceu, tendo antes dado a lume os seus versos reunidos, sob o título de *Espumas flutuantes* (1870) [...]. Postumamente foram publicadas outras obras de uma importância imensurável; *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) edição isolada, *Os Escravos* (1883), que reúne poemas antiescravagistas, entre outras também de grande relevância. Em suma, Castro Alves foi um poeta bastante produtivo, apesar de ter falecido muito jovem, engajou-se à luta abolicionista com muita vocação. Acerca do poeta Antônio Cândido comenta:

O último poeta romântico de importância foi Castro Alves (1847-1871), que superou a plangência dos ultra-românticos(sic), tanto pela sensualidade exuberante e a força plástica, quanto pelo corte humanitário da sua poesia social. Muito influenciado por Victor Hugo, foi como ele capaz de percorrer uma gama extensa, das tonalidades épicas ao lirismo sentimental. Mais de um crítico viu que havia nele um orador em verso, cuja eloqüência(sic) arrebatava os auditórios e desempenhou papel importante, mesmo depois de sua morte, na campanha pela abolição da escravidão negra, que a partir de 1870 conquistou aos poucos a opinião pública do país. (CANDIDO, 1999, p. 47-48)

Diante do exposto, é notório o engajamento social e o envolvimento direto de Castro Alves com a causa abolicionista, pois através da poesia expressava sua indignação e protesto contra a escravidão e a liberdade dos negros negada por um Brasil escravocrata. Também é perceptível que a terceira geração condoreira era forte, logo, impressiona com a eloquência que repele a escravidão e o pronunciamento em nome da igualdade racial.

Em virtude do que foi mencionado no que concerne às três gerações românticas no Brasil, percebe-se que o romantismo juntamente com essas gerações de autores marcou e afirmou a “singularidade do país e do Eu” (CANDIDO, 1999, p. 38), consequentemente, a literatura brasileira foi bem representada por esses escritores de grande renome. Enfim, apresentar essas três gerações com suas características foi o objetivo aqui pretendido, pois será mostrado que uma respectiva autora também está inserida dentro desse movimento romântico e que sua obra, que é o objeto de estudo desse trabalho, está bem marcada pelas características da poesia romântica. Como discorre o professor José Neres sobre o romance “*Úrsula*”:

Assim, Maria Firmina dos Reis, de modo bastante equilibrado, faz sua *Úrsula* mesclar-se pelos caminhos do nativismo, do byronismo e do condoreirismo, as características essenciais da poesia romântica, que foram transportadas para a prosa de modo sutil e até certo ponto inovador. (REIS, 2017, p. 10).

Portanto, Maria Firmina dos Reis, escreve o romance *Úrsula* (1859) fazendo uso das características românticas. “No decorrer da narrativa, é possível notar que a autora transita com certa desenvoltura pelos três estilos mais marcantes da criação literária romântica [...]” (NERES, 2017, p. 09), dessa forma, a obra da prosadora, poetiza, compositora e educadora apresenta temas como morte, amor, loucura, valorização da natureza pátria e escravidão. Contudo, será feita uma análise mais profunda com base no romance *Úrsula* no tema de cunho social, isto é, a escravidão, que ganha força com a autora no que concerne a abolição e a igualdade racial, pois a escritora anos antes de Castro Alves já narra o navio negreiro e luta pelos direitos dos menos favorecidos e o fim da escravidão. Nesse sentido, na visão de Duarte (2013, p. 148-149), “Maria Firmina dos Reis, cujo romance *Úrsula* [...] de 1859) traz pela primeira vez às nossas letras a África e o porão do navio negreiro.” É notório que a autora é anterior a Castro Alves, especialmente ao escrever sobre o famoso navio negreiro, ano de 59, já o poeta, com base no que já foi exposto narra somente no final dos anos 60, quase 10 anos depois da romancista.

4 ÚRSULA: LITERATURA EM TERRAS MARANHENSES

4.1 Maria Firmina dos Reis: voz negra e abolicionista

É sabido que no Brasil, a partir do século XIX a literatura de autoria feminina começou a manifestar-se, mesmo com inúmeras privações e desvalorização. Assim, desde o período oitocentista essa escrita vem conquistando sua autonomia e ganhando espaço no universo literário, fato comprovado através de estudos que se têm dedicado ao resgate das mesmas. E, dentre essas mulheres está a autora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917), que se destacou em diversos momentos como cidadã, educadora e intelectual de grandes produções literárias.

Sobre a autora, elucida Neres (2017) nas primeiras páginas do livro *Úrsula*, onde deixa claro que muitos historiadores, pesquisadores se dedicaram em estudos mais aprofundados sobre a romancista, contribuindo para que a mesma e sua produção literária deixasse de ser reconhecida apenas como um acontecimento importante e, lembrado simplesmente pela data de comemoração, mas que a prosadora e suas obras começassem a ser discutidas em locais como: congressos, seminários, universidades e encontros científicos, instigando assim, estudiosos da Literatura e pesquisadores a mergulharem no mundo ficcional criado pela escritora maranhense.

A trajetória intelectual de Maria Firmina dos Reis comparada com a dos demais escritores de seu tempo é bastante singular em vários aspectos, a começar pela sua biografia.

Segundo Nascimento Morais Filho (1975), Maria Firmina dos Reis nasceu na ilha de São Luís do Maranhão, no bairro de São Pantaleão em 11 de outubro de 1825. A escritora foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis e aos cinco anos de idade mudou-se com a família para a vila de São José de Guimarães/MA. Viveu parte de sua vida na casa de uma tia materna, essa vivência foi de suma importância para a sua formação. Em 1847, concorreu a um concurso estadual para uma cadeira de Instrução Primária na Vila de Guimarães, sendo a única aprovada. E, assim, exerceu a profissão de professora de primeiras letras, que se iniciou no mesmo ano e, se estendeu até 1880. De acordo com Lobo. *apud*. Lucena (2012, p.13), “Maria Firmina dos Reis contou com a ajuda do seu primo Sotero dos Reis, sendo este escritor e gramático, desta forma, ela relata a sua gratidão em alguns

poemas pela contribuição cultural que recebeu do primo". Ainda sobre a escritora, o professor e pesquisador José Nascimento Morais Filho em seu livro: Maria Firmina: fragmentos de uma vida, relata:

A forte e excepcional individualidade de Maria Firmina dos Reis não deixaria que soldasse seu nome apenas à denominação honorífica de PRIMEIRA PERSONALIDADE LITERÁRIA FEMININA DO MARANHÃO. Se, em 1847, na mocidade, é a ÚNICA APROVADA num concurso estadual para uma Cadeira de Instrução Primária, na Vila de Guimarães, na velhice, em 1880, conquistaria o PRIMEIRO LUGAR na História da Educação Brasileira, na Província do Maranhão, tornando a "Mestra Régia", como a chamavam, e a chamam os vimaranenses, quando a ela se referem, uma personalidade Educacional. (MORAIS FILHO, 1975, s. p. grifo do autor).

Maria Firmina se destacou em diversos momentos da sua vida, deixando importantes contribuições literárias como: romance, conto, poesias, charadas e crônicas, destacando-se também como professora. "Aos 55 (cinquenta e cinco) anos de idade funda uma escola em Guimarães. Uma escola de primeiras letras [...] ERA UMA AULA MISTA! E AINDA GRATUITA" (MORAIS FILHO, 1975, s. p. grifo do autor), ou seja, a autora funda uma escola pública para os dois sexos, pois pela primeira vez meninos e meninas estudaram em uma mesma turma, e, não menos importante, se sobressai como musicista. Dona de uma vasta composição musical, escreveu o hino que exaltava a libertação dos escravos. Desta forma, mesmo a autora vivendo em um período de extrema segregação social e racial, em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, principalmente as mulheres negras, Maria Firmina faz uma grande revolução no âmbito educacional e literário, mostrando-se uma mulher à frente do seu tempo. Observe o que Lucena (2012 p.14) salienta sobre a escritora:

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher guerreira que quebrou os laços tradicionais que estavam arraigados à imagem da mulher oitocentista, rompendo assim, com os valores de uma época que estava voltado para o homem, então a autora inconformada com certas limitações imposta à mulher, como: não poder estudar, escrever, dentre outras, enfrentou os preconceitos de uma época, saindo de uma zona de conforto, mostrando por meio da literatura escrita por ela mesma as injustiças que cercavam a sociedade do século XIX, que era uma sociedade radicada aos valores patriarcais, onde o escravo e a mulher eram submissos ao homem branco.

É possível notar na citação que a escritora além de quebrar padrões enraizados à mulher oitocentista, teve a ousadia de escrever em um período no qual a mulher como representante literária era desvalorizada, desta maneira, a romancista com coragem e determinação consegue se sobressair ao escrever o romance *Úrsula* publicado em 1859, sob o pseudônimo “Uma Maranhense”, estratégia esta usada porque a autora já sabia dos obstáculos e preconceitos que enfrentaria, pois a única figura valorizada neste período era o homem. No prólogo do livro *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis (2017) é consciente da lógica da interdição da escrita feminina, no qual a autora discorre:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale esse romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2017, p.13)

A autora é consciente das dificuldades que encontraria para publicar seu livro e de possíveis críticas destrutivas vindas por parte dos homens das letras e dos leitores, pois a romancista era conhecedora da desvalorização da escrita de autoria feminina, estando ela inserida em uma época em que o mercado editorial era cuidado por escritores do sexo masculino, branco de classe média alta. Em virtude desse cenário em que estava inserida, sendo ela, mulher, negra e bastarda, não revelou seu nome, optou por publicar sua obra fazendo uso de um pseudônimo “Uma Maranhense”, estratégia essa usada não porque a autora desejava omitir sua identidade negra, isto é, sua negritude, mas temendo o silenciamento da sua voz. Em suma, Maria Firmina, não tinha nenhuma dúvida dos empecilhos que encontraria e enfrentaria para conseguir ocupar lugar no universo das letras.

Assim, é perceptível que mesmo a autora inserida em um contexto vil de extrema segregação racial, privações e preconceitos, não silenciou sua voz, mas com talento, coragem e engajamento com as causas sociais, publica o romance *Úrsula*, “[...] O PRIMEIRO LIVRO PUBLICADO POR UMA MULHER MARANHENSE, e ainda um ROMANCE [...]” (MORAIS FILHO, 1975, s. p. grifo do autor). Também considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro escrito no auge da escravidão, segunda

metade do século XIX, por uma mulher e negra. Portanto, Maria Firmina, voz negra e pioneira na crítica antiescravagista da literatura brasileira, no seu romance *Úrsula*, “[...] Ao construir suas personagens, a romancista, optando por um olhar centrado tanto no emotivo quanto no social, deixou margens para diversas discussões acerca das relações sociais. Ricos e pobres, livres e escravos, homens e mulheres [...]” (NERES, 2017, p. 10). A prosadora mais uma vez mostra-se corajosa e desafiadora, pois além de criticar e denunciar a escravidão deixa espaço para estudiosos e discentes discutirem e analisarem esta emblemática obra que apresenta uma nova visão do ser escravizado, concernente à problemática do preconceito racial.

Desse modo, uma discussão e análise mais profunda se dará na vertente “livres e escravos”, onde será mostrado que a autora corajosamente, quebrou preconceitos que estavam enraizados ao negro escravo e ao branco, desconstruindo assim, todos os argumentos racistas.

4.2 Úrsula: primeiro romance antiescravista no Maranhão no período oitocentista

Seguindo essa linha de pensamento o Maranhão ganha a sua primeira ficção romanesca *Úrsula* (1859), com temática abolicionista escrita por Maria Firmina dos Reis, obra que inaugura um novo olhar quanto à problemática da escravidão, no que tange a quebra do preconceito racial. Assim, a obra é escrita em estilo romântico, com ares de denúncia social, tendo o amor entre os protagonistas Úrsula e Tancredo como pano de fundo na abordagem da escravidão. Corrêa (2015, p.92) esclarece:

De forma que, só no raiar da segunda metade do século 19 (transitando da primeira para a segunda década – 1859) e ainda sob a aura do Romantismo, o Maranhão ganha a sua primeira ficção romanesca: *Úrsula*, composta em estilo romântico e na abordagem de um tema abolicionista, em que a autora Maria Firmina dos Reis (São Luís - MA. 1825/Guimarães-Ma.1917) – verdadeiramente a matriarca do nosso romance, em nível local, e provavelmente a primeira romancista em âmbito nacional – mostra-se preocupada com a história e as raízes negras, consciente, pois, das questões que movem o Brasil de então, no vislumbre da democracia.

Diante do exposto, fica evidente que a obra está inserida em um contexto histórico-social, em que a realidade política e social (o abolicionismo, as lutas humanitárias, sentimentos liberais, o poder agrário estavam bem presentes no Brasil). Assim, percebe-se a coragem da autora em escrever em meados do século XIX, onde a escravidão estava a todo vapor. Sobre a escravidão no Maranhão, Lopes enfatiza que:

O Maranhão esteve envolvido desde a colônia com a produção mercantil e escravista. São Luís, sendo uma cidade portuária e centro comercial, bem como a capital da Província, teve um papel importante nesse contexto e dinâmica. A partir dela, os escravos eram redistribuídos para as inúmeras fazendas localizadas no continente, uma vez que “a base de sustentação material da Província esteve assentada, majoritariamente na escravidão de povos africanos entre a segunda metade do século XVIII até os anos 80 do século XIX. (LOPES; 2016, p. 91-92).

A afirmação de Lopes na citação acima, mostra que o Maranhão esteve envolvido diretamente com a compra e venda de escravos, grandes concentrações de navios faziam a negra rota da África para o Maranhão, onde posteriormente os

escravos eram redistribuídos para inúmeras fazendas e povoações. Assim sendo, a capital da Província estava inteiramente integrada e apoiada no tráfico e trabalho escravo.

Desta maneira, também é notório que Firmina faz sua obra *Úrsula* mesclar-se pelos caminhos do Romantismo, isto é, a obra possui fortes características dessa escola literária, como: o nacionalismo com o qual a romancista faz uma exaltação da natureza pátria; o byronismo marcado por aspectos negativos como dor, morte, desilusão, dúvida e o amor não concretizado além do condoreirismo marcado pela liberdade e denúncia da escravidão. Com relação ao nacionalismo a autora de modo bastante equilibrado exalta a natureza, dando ênfase às terras maranhenses, Reis (2017, p.15), “São Vastos e Belos Nossos Campos; inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma brando lençol de espuma [...] E a sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquife, que vai contando as águas hibernais.”

Assim, o romance relata uma história de amor que não tem final feliz, pois Úrsula e o cavaleiro Tancredo vivem breves momentos de felicidades, para culminar no infortúnio, pois Tancredo morre nos braços de Úrsula, causando dor, angústia e sofrimento, reafirmando características marcantes das personagens românticas.

Para Alfredo Bosi:

Se na década de 40 amadureceu a tradição literária nacionalista, nos anos que se lhe seguiram, ditos da “segunda geração romântica” a poesia brasileira percorrerá os meandros do extremo subjetivismo, à Byron e à Musset. Alguns poetas adolescentes, mortos antes de tocarem a plena juventude, darão exemplo de toda uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio. (BOSI; 2017, p.115).

No entanto, o que torna a obra peculiar e diferenciada das demais produções de seu tempo não é o enredo romântico com suas características, tampouco a narração trágica, mas o tratamento dado à questão do escravo, pois Maria Firmina na sua narrativa mostra o negro numa visão positiva, com virtudes, valores cristãos e sentimentos generosos, desconstruindo assim, estereótipos dado à figura do negro escravo e, possibilitando um novo olhar sobre o mesmo ao mostrá-lo como um ser dotado dos mesmos sentimentos que o branco. Como afirma Silva; Mendes (2016, p.78):

Longe de ser apenas uma narração trágica, a obra tem a sua importância na inserção de personagens negros que, longes de serem meros figurantes de um quadro colonial, compõem uma ideologia que prevê um nivelamento entre o branco e o negro, como nos faz entender a leitura do primeiro capítulo “Duas almas generosas” – que busca apaziguar a relação de alteridade.

Esse nivelamento, a relação de alteridade entre o branco e o negro, segundo Silva e Mendes (op. Cit) surge no capítulo I que dá início à narrativa, quando o cavaleiro bacharel Tancredo (branco, burguês) sofre um acidente durante um passeio a cavalo, e por conseguinte, o socorro prestado por Túlio (jovem escravo) que cuida do branco com caridoso desvelo. Nesse momento os dois personagens rompem com paradigmas ligados a questão racial, ou seja, a ideologia de hierarquia das raças. Prevalecendo assim, a igualdade como reconhecimento de que, o fato do outro ser diferente concernente a cor da pele não indica nenhuma superioridade ou inferioridade. No diálogo entre o jovem cavaleiro Tancredo e Túlio percebe-se esse rompimento de superioridade racial:

[...] Dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, comprehendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. (REIS, 2017, p. 24)

Conforme Corrêa (2015), a escravidão humilhante não endurecera o coração do mísero escravo. Portanto, esse infortúnio culmina em um laço de amizade muito forte entre esses dois seres socialmente distantes, consequentemente, o rompimento do preconceito racial, que está bem nítido nos atos e diálogo dos dois personagens; Túlio cuida do mancebo com dedicação e zelo, reconhecendo no jovem cavaleiro uma alma nobre e bondosa, principalmente para com aquele que teve a desfotuna de ser escravo. Tancredo, sempre grato pelos cuidados de Túlio consagrou uma amizade sincera com o mísero escravo, dirigindo constantemente palavras doces e cheias de reconhecimento. Nesta perspectiva Reis enfatiza:

— Meu amigo — continuou — podes acreditar no meu reconhecimento, e na minha amizade. Quem quer que sejas, eu ta(sic) prometo: sou para te um desconhecido, e inda assim foste generoso, e desinteressado. Arrancando-me à morte tens desempenhado a mais nobre missão de que o homem está incumbido por Deus: a fraternidade. Continua agora peço-te em nome da nossa amizade que

te consagro, continua a tua obra de generosidade; porque sinto que tenho febre, e não posso me erguer. (REIS, 2017, p. 22-23)

De acordo com Zin (2016) o encontro dessas “duas almas generosas”, não acontece por acaso, a intensão da autora ao conceber tal cena, baseada na gratidão mútua e na capacidade de amar o seu semelhante apesar das diferenças sociais que se assenta entre Túlio e Tancredo; é mostrar que, apesar das adversidades oriundas do sistema escravagista, ambas as raças podem conviver harmoniosamente. No capítulo I intitulado “**Duas almas generosas**” percebe-se a nobreza de espírito entre Túlio e Tancredo:

Apesar da febre que despontava o cavaleiro começava a coordenar suas ideias, e as expressões do escravo, e os serviços que lhes prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso, num transporte de íntima e generosa gratidão, o mancebo arracando a luva que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara. (REIS, 2017, p. 22)

Portanto, esse forte elo de amizade entre um negro (escravo) e um cavalheiro bacharel (branco) desmistificou muitos preconceitos, principalmente no que diz respeito a impossibilidade de haver uma convivência equilibrada entre seres socialmente e racialmente distintos, sobretudo em um país racista, meados do século XIX. Em suma, Maria Firmina dos Reis, em sua humilde obra, como classifica *Úrsula*, teve um papel muito importante na questão da escravidão no período oitocentista, rompendo assim, a cadeia do preconceito racial que segregava o negro e o branco e, consequentemente teorias racistas.

4.3 Escravidão: o personagem negro escravo apresentado pela primeira vez na literatura como ser dignificado e humanizado

A possibilidade da perspectiva negro-brasileira na literatura tinha, assim, seu limite na recepção. Como um dado da realidade, a recepção que se estabelecia impunha, previamente, seu código de aceitabilidade. Personagens negras deveriam mostrar tão somente os males da escravidão como estatuto legal. A humanidade dos escravizados só por esse viés teria importância. (CUTI, 2010, p. 27)

Vale salientar que a literatura brasileira, com produções literárias genuinamente local, isto é, verdadeiramente do Brasil, agora estava preocupada em tratar das questões que moviam o país, ou seja, os escritores produziriam suas próprias obras com temas respaldados na realidade local. Assim, é perceptível que a escravidão foi um tema abordado nas produções de autores do período. Sendo também notório que, no tocante à literatura, o acolhimento do negro enquanto personagem era limitado, colocado quase sempre como coadjuvante, principalmente na prosa. Nesse contexto, o negro é apenas situado na trama em situação social de inferioridade, miserabilidade, reprimido e violentado, “a figura do escravizado” (CUTI, 2010, p. 64), portanto, somente por esse viés que a humanização dos personagens escravizados poderia ter relevância e, ser mostrada através da literatura.

Diante disso, a representação do personagem negro escravo desde a origem da literatura brasileira, foi sempre conduzida através das narrativas pela perspectiva da discriminação racial, da comiseração, do negro subjugado e subserviente. Para Cuti (2010, p. 16) “até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravidão havia coisificado os africanos e sua descendência”. Assim sendo, o lugar ocupado pelo negro até então na literatura era apenas o de representar a saga da escravidão com todas as suas crueldades, e por conseguinte, a inferioridade racial. Na visão de Cuti (2010), a humanidade do negro era bloqueada, seu papel não mudava nada, era quase inexpressivo, e quando aparecia na história exercia apenas funções em condições servil e como enfeites domésticos.

Somente no ano de 59 do século XIX no Estado do Maranhão a representação do negro escravo na literatura ganha outros contornos, pois a autora Maria Firmina dos Reis na sua obra Úrsula, considerado o primeiro romance antiescravagista/abolicionista no Brasil, mostra pela primeira vez na literatura a

dignificação e humanização do oprimido. Como afirma o autor do posfácio à 1ª edição de Úrsula, “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira”, Eduardo de Assis Duarte (2004, p. 273), “[...] no discurso do narrador onisciente, o negro é parâmetro de elevação moral.” Ou seja, a voz do narrador mostra-se comprometida em narrar tanto a bravura como virtudes e generosidade do negro:

Reunindo todas as suas forças, o jovem escravo arrancou de sob o pé ulcerado do desconhecido o cavalo morto, e deixando-o por um momento, correu à fonte para onde uma hora antes se dirigia, encheu o cântaro, e com extrema velocidade voltou para junto do enfermo, que com desvelado interesse procurou reanimar. Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade colocado-lhe a cabeça sobre os joelhos. Só Deus testemunhava aquela cena tocante e admi-rável(sic), tão cheia de unção e de caridoso desvelo! E ele continuava a sua obra de piedade, esperando ansioso a ressurreição do desconhecido, que tanto o interessava. (REIS, 2017, p. 20-21)

Neste sentido, Duarte (2004) no posfácio do livro Úrsula esclarece que o primeiro capítulo que dá início a narrativa objetiva apresentar os dois personagens; um branco e um negro, ambos dotados de positividade moral. Assim, Tancredo é o primeiro personagem a entrar em cena, mas devido ao acidente permanece mais tempo desmaiado, estratégia esta usada pela autora para que o segundo cresça enquanto personagem, mostrando-o como um ser humanizado e cheio de sentimentos generosos, e não como “bicho ou mercadoria humana.” “Que ventura! então disse ele, erguendo as mãos ao céu que ventura, podê-lo salvar!”. (REIS, 2017, p. 19). Desse modo, o leitor passa a conhecer o jovem escravo, Túlio, em suas virtudes e dignidade.

Ainda seguindo essa linha de pensamento no que concerne ao engajamento com a dignificação do personagem escravizado, Maria Firmina, através da literatura conseguiu mostrar o negro que estava inserido em um contexto de opressão dominado pelo branco por outra perspectiva, ou seja, o romance Úrsula aborda à problemática da escravidão pelo viés da desconstrução do preconceito racial existente na época (século XIX) e, exaltação do negro escravizado com elevado caráter e sentimentos nobres. Sobre o preconceito Cuti (2010, p. 25) esclarece que; “tem sua origem na escravização e no racismo (teoria que buscou justificativas para o processo de violência e dominação dos povos de origem africana [...]). Nessa vertente, a obra de Firmina foi um divisor de águas, principalmente porque estava inserida em um país de extrema opressão:

[...] Maria Firmina dos Reis publicava em São Luís do Maranhão o romance *Úrsula*, em que coloca o negro como referência moral da narrativa. O texto de *Úrsula* se apropria do discurso judaico-cristão a fim de condenar o escravismo [...]” (DUARTE, 2013, p. 149).

A afirmação do professor Eduardo de Assis Duarte ratifica novamente o engajamento da ativista Maria Firmina dos Reis com a humanização do personagem negro escravo e o fim do escravismo no Brasil e, consequentemente no Maranhão. Então, por meio do seu romance a autora lança seus ideais contra a escravidão, procurando conscientizar a sociedade escravocrata do período de que a cor da pele não torna um ser superior ou inferior nas suas atitudes e sentimentos. Desse modo, a escritora traz essa reflexão e ao mesmo tempo critica pelo viés do discurso religioso, com o intuito de sensibilizar também os leitores que, na sua maioria, eram da elite. “__ Deus meu! __ exclamou, correndo para o desconhecido. E ao coração tocou-lhe piedoso interesse, vendo esse homem lançado por terra, tinto em seu próprio sangue, e ainda oprimido pelo animal já morto.” (REIS, 2017, p. 19). Percebe-se claramente a relação de alteridade entre etnias e um escravo munido de uma nobreza de espírito e compaixão para com um desconhecido. Observe o que declara Duarte (2004, p. 272) no posfácio do livro *Úrsula*:

Ressalte-se de início que não se trata de condenar a escravidão unicamente porque um escravo específico possui um *caráter elevado*. Trata-se de condenar a escravidão enquanto instituição. E a autora o faz partir do próprio discurso religioso oriundo da hegemonia branca, que afirma serem todos irmãos independentemente da cor da pele! (grifo nosso)

Diante do exposto, fica evidente que Maria Firmina dos Reis era conhecedora do contexto vil em que sua obra estava inserida, pois a escravidão predominava a todo vapor no Brasil, e que a mesma estava bem amparada pela lei. Sendo assim, as atitudes e conduta do personagem negro de *Úrsula* é pautado nos valores cristãos, ou seja, Firmina parte da Bíblia, estratégia esta usada para melhor propagar seu ideário; sendo denunciar e criticar o escravismo que transcende o racial, e por conseguinte, promover e despertar o desejo por mudança em uma sociedade escravista e preconceituosa. Deste modo, a autora, com singularidade valorizou a identidade do negro e colocou-o na trama assumindo também um papel de destaque. Como mostra Régia Agostinho da Silva (2009, p. 07), “Firmina constrói a imagem do

escravo numa outra perspectiva, visto que o escravo de Firmina é aquele que tem individualidade, que é colocado em pé de igualdade, com os personagens brancos". Esse fragmento corrobora ratificando e comprovando que a autora fez algo inédito na literatura do século XIX, ou seja, em 1859 a escritora maranhense mostrou o negro escravo dotado de humanidade. Carvalho (2003, p. 92) analisa o tratamento e representação do negro escravo no texto de Firmina com as demais produções de seu tempo:

No séc. XIX, o elemento servil tornou-se um dos temas abordados nas produções literárias brasileiras. Nelas, predominava o discurso escravagista na esfera das letras. Ao eleger o ponto de vista do negro em sua obra, Maria Firmina dos Reis confronta a retórica literária dominante de seu tempo, lançando outro olhar sobre a questão da escravidão, posto que, em *Úrsula*, os personagens escravos são pintados com predicados humanos, destoando assim da grande maioria dos textos desse período, que tinham, entre suas representações, a figura do negro exótico, digno da piedade e da tutela do homem branco.

Com base na afirmação, não há dúvidas que na obra *Úrsula* (1859) a problemática da escravidão e do ser escravizado seguiu uma abordagem e perspectiva completamente diferente do que foi colocado em outras obras do período. O personagem escravo de *Úrsula* possui generosidade e empatia, reafirmando sua identidade e humanidade. Assim, Maria Firmina dissonante da maneira como o personagem negro escravo vinha sendo acolhido nas produções literárias de seu tempo, que era somente pelo viés da desumanização, a autora inconformada com essa visão errônea do ser escravo, pela primeira vez na literatura apresentou-o como um ser significado, atribuindo-lhe caráter humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa, constatou-se que Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira autora brasileira pioneira na crítica antiescravista, fez de sua obra *Úrsula* de 1859, um instrumento de crítica à escravidão por meio da desconstrução do preconceito racial e, consequentemente, da representação, dignificação e humanização de personagens escravizados. Apresentando assim, denuncia social com relação ao sistema escravista. Com isso, percebeu-se que o romance de Firmina trazia uma perspectiva diferente quanto a problemática da escravidão, na qual destoava das demais produções literárias de seu tempo, meados do século XIX.

Nesse contexto, observou-se que a obra *Úrsula*, se comparada com outros romances do período apresentava uma novidade, algo absolutamente inovador, motivo pelo qual esse trabalho intitulado “A quebra do preconceito racial na obra *Úrsula* da autora maranhense Maria Firmina dos Reis”, foi desenvolvido. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, analisar a obra *Úrsula*, na abordagem da quebra do preconceito racial e, por conseguinte, mostrar um novo olhar quanto à problemática da escravidão no que tange aos paradigmas vigentes no século XIX.

Diante da análise da obra, é possível afirmar que o objetivo foi atendido, pois efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que, em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, mesmo sendo conhecedora do contexto de opressão que sua obra estava inserida, rompeu com paradigmas ligados à escravidão e desmistificou teorias raciais diante de um cenário em que eram aceitas como verdades e que pregavam uma hierarquia entre as raças, sendo consenso entre elites intelectuais.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que os objetivos específicos também foram alcançados, sendo o primeiro, “valorizar a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Assim, foi mostrado a relevância que a obra obteve no período oitocentos, na qual com uma crítica sutil condena à escravidão e, consequentemente exalta a figura negra, revelando assim, uma nova visão do ser escravizado.

Por conseguinte, o segundo objetivo tinha como vontade, mostrar através da obra analisada a desconstrução do preconceito racial. Essa meta foi alcançada, como é notório no segundo capítulo desse trabalho, pois na obra, no capítulo I que dá início à narrativa intitulado “Duas almas generosas”, é apresentado dois personagens que desmistificam preconceitos ligados a questão racial, ou seja, na trama esses dois

seres socialmente e racialmente distantes buscam apaziguar a relação de alteridade, culminando em um forte elo de amizade, algo que seria impossível na época, pois trata-se de um negro escravo e um branco burguês em meados do século XIX. Nesse sentido, os dois personagens também rompem com a ideologia de hierarquia das raças, isto é, a ideia de superioridade e inferioridade racial.

Já o terceiro objetivo, tinha como foco, discutir acerca da escravidão em um contexto em que o personagem negro escravo do romance *Úrsula* é apresentado como ser profundamente dignificado e humanizado e, consequentemente, mostrar que Firmina foi quem primeiro representou o escravo na literatura por essa perspectiva. Assim, o objetivo foi atingido com êxito, pois no terceiro capítulo ficou constatado que em “*Úrsula*” no ano de 59 a representação do negro escravo ganhou outros contornos, ocupando um lugar de destaque no plano da obra, onde um escravo possui caráter elevado e sentimentos generosos.

Portanto, verificou-se também que as possibilidades de perspectivas das personagens negras na literatura era tão somente o de representar os males da escravidão, digno de piedade, um instrumento de trabalho, uma mercadoria e uma coisa, só por esse viés a “humanidade” dos escravizados poderia ser mostrada nas produções literárias brasileiras. Contudo, em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis, lança outro olhar sobre a questão da escravidão e do ser escravizado, destoando assim, dos textos do período, pois no romance firminiano a imagem do escravo é construída por outra perspectiva, isto é, o da humanização e dignificação.

Tendo em vista os aspectos observados, entende-se que a obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, apesar de ser escrita em estilo romântico, o discurso antiescravista perpassa praticamente toda a narrativa, pois o narrador se mostra contrário ao mundo dos escravos, com isso, se apropria desse discurso a fim de condenar a escravidão e romper com a discriminação racial, sendo a causa da desigualdade entre brancos e negros. Dessa forma, verificou-se que no romance *Úrsula*, especialmente no capítulo I intitulado “Duas almas generosas”, em nenhum momento ocorre cenas de preconceito racial vividos pelos personagens Túlio (jovem escravo) e Tancredo jovem da alta sociedade (branco burguês).

Em suma, acredita-se que o resultado dessa pesquisa contribuirá inicialmente para mostrar a relevância que a obra *Úrsula* obteve no período oitocentista concernente ao engajamento com a causa abolicionista e, por conseguinte, na luta antirracista, no intuito de combater o preconceito racial e valorizar a identidade negra.

Posteriormente, visa contribuir para que estudos futuros possam debruçar-se sobre a produção literária da escritora maranhense, pois a temática aqui abordada é apenas uma das imensuráveis que podem ser analisadas nesse romance. Portanto, o estudo desta obra não se encerra neste trabalho, Maria Firmina dos Reis ao escrever sua narrativa deixou margens para diversas discussões acerca das relações sociais.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elisabeth Sousa; BARROSO JUNIOR, Reinaldo dos Santos (organizadores). **O Maranhão e a Escravidão Moderna**. São Luís: Eduema, 2016.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** / Alfredo Bosi. – 51.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

_____. **História concisa da literatura brasileira** / Alfredo Bosi. – 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes**. Disponível em: Google Acadêmico; <http://scholar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

CAMPOS, Everton Luís Matos de. **A humanização da “coisa” em os Escravos de Castro Alves**. Disponível em: Google Acadêmico; <http://scholar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

CARVALHO, Virgínia Silva de. **A efígie escrava: a construção de identidades negras no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Disponível em: Google Acadêmico; <http://scholar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

CORREA, Dinacy Medonça. **Da Literatura Maranhense: o Romance do século XX** – São Luís: EDUEMA, 2015.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira** / Cuti – São Paulo: Selo negro, 2010. (coleção consciência em debate).

DUARTE, Eduardo de Assis. **O negro na literatura brasileira**. Navegações. Porto Alegre, v. 6. n. 2. p. 146 – 153. jul./dez. 2013.

_____. “**Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira**”. In: **Úrsula; A escrava**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. – Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 263-280.

LUCENA, Dariane de Oliveira. **O sujeito – negro na obra “Úrsula”: uma análise discursiva acerca das relações de poder**. Disponível em: Google Acadêmico; <http://scholar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida.** São Luís Maranhão, 1975.

NASCIMENTO, Márcio Luís do. **Primeira Geração Romântica versus Escola do Recife: trajetórias de intelectuais da Corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife.** Disponível em: Google acadêmico; <http://scolar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula** – 2. ed. São Luís: Edições AML, 2017.

RESENDE, Raquel Serra. **DA ÁGORA AO PANTHEON: intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão.** Disponível em: Google Acadêmico; <http://scolar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

SILVA, Josiane Maia Santos; SANTOS, Silvana Maria Patoja dos (organizadoras). **Literatura em Diálogo: Memória, Cultura e Subjetividade.** – São Luís: EDUEMA, 2016.

SILVA, Régia Agostinho da. **“A mente, essa ninguém pode escravizar”: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão.** Disponível em: Google Acadêmico; <http://scholar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: A trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista.** Disponível em: Google Acadêmico; <http://scholar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020

VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. Disponível em: Google Acadêmico; <http://scolar.google.com.br> Acesso em: 05 de maio. 2020